

Ausência de Pluralidades em Biografias: As Mulheres Jornalistas Vencedoras nas Premiações Literárias¹

Felipe ADAM²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Os estudos a respeito das histórias de vida possuem ampla investigação no campo da História (DOSSE, 2015), mas também despertam curiosidade na área do Jornalismo, seja pelo aspecto do livro-reportagem (LIMA, 2009; MACIEL, 2018), seja pelo viés biográfico no mercado editorial (VILAS BOAS, 2008; VIEIRA, 2015) ou, ainda, por meio do jornalismo literário (MARTINEZ, 2008). No presente texto, a biografia será interpretada como uma narrativa de longo percurso “[...] cuja missão é contar toda a vida de uma pessoa, viva ou morta” (LIMA, 2009, p. 425). No Brasil, há pelo menos vinte anos, a produção de livros-reportagem e de biografias escritas por jornalistas são reconhecidas em premiações literárias. A fim de ilustrar a representatividade campo profissional, que integra parte da pesquisa em andamento do doutorado, este resumo visa avaliar as jornalistas brasileiras – e seus respectivos livros - vencedores da categoria Biografia nos prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), da Biblioteca Nacional e do Jabuti de Literatura, este instituído pela Câmara Brasileira do Livro. Como a APCA não possui um *site* oficial para divulgação dos trabalhos, a fonte para conhecimento dos laureados se baseou no livro *APCA 60 anos* (CUNHA, 2017). Em abril de 1956, a Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCT) começou a premiar os melhores do teatro do estado de São Paulo (CUNHA, 2017); três anos depois, artistas da música erudita também foram lembrados pela associação. Em meio ao ápice da ditadura militar, em 1972, a entidade passou a ser nomeada como Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), quando as categorias Artes Visuais, Cinema, Literatura, Música Popular e Televisão passaram também a ser contempladas pelo prêmio (CUNHA, 2017). Em mais de seis décadas de existência, o troféu APCA, “[...] que simboliza e externa para as várias categorias artísticas o trabalho de seus membros, é um dos mais antigos e expressivos

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Jornalista e doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: felipeadam91@gmail.com.

prêmios culturais do Brasil” (CUNHA, 2017). O eixo Literatura do prêmio APCA reconhece o gênero biográfico desde 2006, ano em que a obra *Pretobrás: Por que eu não pensei nisso antes?*, organizada pela dupla Luiz Chagas e Mônica Tarantino, sobre o compositor Itamar Assumpção, conquistou reconhecimento. Até 2020, apenas três edições não haviam premiado livros biográficos. Além disso, no período, 14 autores foram reconhecidos, sendo 11 homens e três mulheres: Mônica Tarantino, a cantora Rita Lee, em 2016, pela autobiografia, e Lilia Moritz Schwarcz, em 2017, por *Lima Barreto: Triste visionário*. Destaque para 2015, quando os livros *Júlio Mesquita e seu tempo: Volume I, II, III e IV*, do jornalista Jorge Caldeira, e *Elis Regina: Nada será como antes*, do também jornalista Júlio Maria, dividiram o prêmio. O Prêmio Literário Biblioteca Nacional (PLBN) foi criado em 1994. De acordo com o *site*³ da Biblioteca Nacional, é possível acessar os vencedores dos nove segmentos desde o ano de 2005. Dos 18 autores premiados na categoria Ensaio Social, nomeada como Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, sete são homens e onze são mulheres. Destaque a Marcelo Godoy, único jornalista vencedor do PLBN, quando em 2005 foi reconhecido pela biografia *A casa da vovó: Uma biografia do DOI-Codi (1969-1991), o centro de sequestro, tortura e morte da ditadura militar*. Entretanto, o principal prêmio literário brasileiro é o Jabuti (VAZ, 2014). Criado em 1959 pela Câmara Brasileira do Livro, ele proporciona, como principal legado, “[...] a diversidade cultural em um país cada vez mais dominado pelas novas tecnologias, mas que ainda cultiva algumas ações como essa de valorização do papel do livro na sociedade” (VAZ, 2014, p. 23). Segundo o *site*⁴ da instituição, o segmento Reportagem seria celebrado no Jabuti a partir de 1993. De 2002 a 2005, a categoria foi integrada com Biografia. Dos anos de 2006 a 2014, ela seria alterada novamente: Reportagem e Documentário. Em 2019, a nomenclatura seria mudada mais uma vez para Biografia, Documentário e Reportagem. Com o olhar somente às Biografias, ainda conforme o mesmo *site*, observa-se que o gênero recebeu destaque na premiação somente em 1998, associado a Ensaio. De 2002 a 2005, como dito anteriormente, Biografia se juntaria a Reportagem e, a partir de 2006, tornar-se-ia uma categoria única. Como já afirmado, o segmento, em 2019 e 2020, foi desmembrado em Biografia, Documentário e Reportagem. É importante salientar que, no total, desde 1993, na categoria Reportagem

³ Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-literario-biblioteca-nacional>. Acesso em 3 mai. 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>. Acesso em 3 mai. 2022.

e, desde 1998, no segmento Biografias (ou afins, conforme nomenclatura), apenas nove mulheres conquistaram o primeiro lugar no Jabuti. Entre as contempladas, percebeu-se uma ausência de mulheres jornalistas, com destaque a três: a carioca Luciana Hidalgo, que escreveu sobre o artista sergipano Arthur Bispo do Rosário; a carioca Cláudia Furiati, que pesquisou a respeito do ex-presidente cubano Fidel Castro; e a baiana Josélia Aguiar, que biografou o escritor baiano Jorge Amado. Chama atenção a diferença dos anos entre as premiações – enquanto a primeira jornalista biógrafa recebeu o Jabuti em 1997, a segunda foi em 2003 e a próxima, somente em 2019, dezesseis anos depois. No aspecto dos biografados, a pouca representatividade também imperava, resultado do desequilíbrio entre gêneros que permeia o contexto histórico ausente de pluralidade em torno de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990). Afinal, deve-se questionar quem merece ser lembrado no futuro e ter a sua reputação reconhecida em um produto cultural, no caso, um livro biográfico. No quesito editorial, as mesmas editoras são premiadas, com protagonistas homens, brancos, que simbolizam uma dominação colonial maquiada e que ainda repercute em solo brasileiro. Ademais, no período de 2010 a 2020, as obras laureadas não correspondem aos livros mais vendidos daqueles anos, o que evidencia uma desconexão das entidades literárias em relação ao que o público verdadeiramente consome. Por fim, se os dados apontam uma baixa quantidade de mulheres jornalistas autoras de biografias, bem como um número irrisório de protagonistas femininas em obras biográficas editadas no Brasil, julga-se urgente e necessário examinar a cultura que se consome no Brasil, através das obras biográficas. Mais uma vez, o predomínio não se limita no aspecto político, econômico ou sexual. A luta por mais participação também tem um novo endereço no campo da cultura: a indústria do livro.

PALAVRAS-CHAVE: produção editorial; jornalismo; biografia; mulheres jornalistas; memória social.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Aguinaldo Cristofani Ribeiro da (org.). **APCA 60 anos**. São Paulo: Editora Monolito, 2017.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**, 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Comunicação) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Prêmio Jabuti: Do incentivo à leitura à promoção da cultura brasileira. **Bibliocom**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 15-23, 2014. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/view/2039>. Acesso em 8 mai. 2022.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber - A construção do biografar: O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros**, 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.